

CADERNO D

REVISTA DE CULTURA DO DIÁRIO OFICIAL DO ESPÍRITO SANTO

Nº 38

A LUZ DE DORA

Uma das primeiras feministas brasileiras, a capixaba Dora Vivacqua, a Luz del Fuego, é reconhecida pela sua importância histórica e homenageada no Estado pelo seu centenário. P.6 a 9

Um novo olhar sobre a obra de Dionísio Del Santo, no Maes

P. 10 e 11

Expediente



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO

GOVERNO DO ESTADO

Paulo César Hartung Gomes
Governador

César Roberto Colnago
Vice-Governador

Dayse Maria Oslegher Lemos
Secretária de Gestão e Recursos Humanos

DIO

Mirian Scárdua
Diretora-presidente

Milton Simon Baptista
Diretor de Produção e Comercialização

Maria Beatriz Barros Kill
Diretora Administrativa e Financeira

SECULT

João Gualberto M. Vasconcelos
Secretário de Estado da Cultura

Coordenação de produção

Stephanie Oliveira

Edição, redação e revisão

Companhia de Comunicação

Projeto gráfico

Ampla Comunicação

Jornalista responsável

Cláudio Rocha

Editores Eletrônica

Comunicação Impressa

Impressão

Gráfica do DIO



HISTÓRIA E CULTURA

A homenagem do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (Apees) ao centenário da capixaba Dora Vivacqua, a vedete naturista mais conhecida como Luz del Fuego, é o reconhecimento à importância dessa mulher que foi uma das precursoras do movimento feminista no Brasil.

Seu inconformismo com o papel definido para a mulher na primeira metade do Século XX, abordando questões que, infelizmente, as mulheres não venceram até hoje, confirmam seu papel de vanguarda na defesa dos direitos iguais para todos.

A sua postura em tempos muito duros da política brasileira, na Ditadura de Getúlio Vargas, quando desafiou o poder absoluto para propor a criação do Partido Naturalista Brasileiro e, especialmente, sua liderança na implantação do naturismo no país, renderam-lhe reconhecimento até da revista americana *Life*, que a estampou em uma de suas capas.

A força e a importância de Luz del Fuego foram registradas também em documentários, em filme e em livro. Boa parte desses registros foram expostos e apresentados na mostra “Cem Anos Luz”, encerrada neste mês de maio na Apees.

Outro momento importante recente para a cultura capixaba foi a abertura do espaço Sesi Arte Galeria, que funciona no prédio da Findes, em um dos mais movimentados endereços de Vitória, na Avenida Nossa Senhora da Penha. Nos primeiros dias da exposição de lançamento, a “FILE Vitória 2017: Toque Aqui”, já registrou um público de mais de 8 mil pessoas.

Boa Leitura! ■

A INDÚSTRIA E A ARTE

O Serviço Social da Indústria (Sesi) cria uma nova galeria de arte e amplia os espaços para exposições em Vitória

Vitória tem um novo espaço para exposições artísticas. O Serviço Social da Indústria (Sesi) lançou em abril o Sesi Arte Galeria, que funciona no prédio da Findes, na avenida Nossa Senhora da Penha (Reta da Penha). A exposição de abertura é a “FILE Vitória 2017: Toque Aqui”, com base na principal mostra de arte e tecnologia da América Latina – o FILE – Festival Internacional de Linguagem Eletrônica.

Para o superintendente do Sesi e do Senai, Luis Carlos Vieira, o espaço é uma resposta do Sistema Findes para a sociedade. “Administramos recursos públicos, que precisam ser devolvidos à sociedade. A galeria é a garantia da oferta de acesso gratuito à

arte para os trabalhadores, estudantes do Sesi, do Senai, de escolas particulares e, especialmente, de escolas públicas.”

Vieira ressalta que o espaço funciona em meio a um polo universitário, que concentra faculdades como a Emescam, FDV e a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), em uma das áreas mais movimentadas de Vitória, que divide um bairro nobre, como a Praia do Canto, de bairros mais periféricos e menos abastados. Pela Reta Penha, estima de acordo com dados do Detran, passam cerca de 80 mil carros por dia. O superintendente também lembra do apelo do espaço, dedicado à arte eletrônica.

Cultura e desenvolvimento

O espaço é considerado um local multifuncional, capaz de receber diversas ações culturais e artísticas. O objetivo é oferecer ao trabalhador capixaba e à sociedade em geral, uma galeria que

Fotos: Divulgação/Fabio Martins



pode mesclar a arte com a história dos segmentos industriais capixabas. “Nossas exposições serão sempre alternadas entre arte, em todas as suas vertentes, e a história dos setores da indústria capixaba, contada por meio de máquinas, fotos e vídeos. Temos uma estrutura multiuso que possibilita a integração desses dois setores tão distintos, porém tão importantes para o desenvolvimento do nosso Estado”, disse Luis Carlos Vieira.

O presidente do Sistema Findes (Federação das Indústrias do Estado do Espírito Santo), Marcos Guerra, reforça que a ideia é transformar o Sesi Arte Galeria em um dos principais espaços culturais da capital, casado com a missão da entidade de promover a qualidade de vida do trabalhador da indústria. “A galeria é um presente para Vitória e para o Estado. Temos um meio artístico efervescente, mas ainda somos carentes de espaços culturais. O novo local traduzirá o ritmo produtivo da indústria e será um marco importante para o nosso setor cultural e artístico.”





Fotos: Divulgação/Fabio Martins



A ideia do novo espaço, segundo o capixaba Vieira, surgiu com sua volta ao Espírito Santo, atendendo ao convite do presidente Marcos Guerra, de dirigir o Sesi em 2012.

Ele estava há 20 anos fora do Estado, com passagens nas mesmas funções pela Federação da Indústria de São Paulo (Fiesp), e pela Direção do Senai Nacional, com sede no Rio de Janeiro, entre outras tantas. Desde que retornou, o executivo pensava nessa possibilidade de ampliar a ação cultural do Sesi.

A obra para transformar o espaço que já foi ocupado por um banco público no Sesi Galeria de Arte durou seis meses. O novo espaço tem 800 m² e está adaptado às normas de acessibilidade para portadores de deficiência.



Política cultural

Para um dos maiores artistas plásticos capixabas, Hilal Sami Hilal, a galeria criada pelo Sesi é um ganho para a cultura capixaba, por oferecer um espaço generoso e muito bem localizado. Ele elogiou, especialmente, a postura do superintendente Luis Carlos Vieira, pela sua sensibilidade em relação à cultura. “Precisamos de gente assim aqui no Estado.”

No entanto, Hilal acredita que o Sesi Arte Galeria necessita de uma política cultural clara, para se tornar um espaço consistente para os artistas e para o público. “É fundamental uma curadoria para que o espaço possa brilhar mais e cumprir seu papel.”

O artista capixaba quer também que a proposta do Sesi tenha eco na indústria capixaba, para que o empresário local faça a sua parte no incentivo à cultura, oferecendo espaços que o trabalhador tenha contato com diversas manifestações artísticas até mesmo dentro das empresas. “O empresariado local precisa pensar em outras formas de se relacionar com o seu empregado.”

Como se candidatar ao uso do espaço

Os artistas interessados na utilização do espaço, que é gratuita, devem enviar os projetos artísticos para a Superintendência do Sesi e/ou para a Gerência de Cultura, que fica na Avenida Nossa Senhora da Penha, 2.053, Edifício Findes, Santa Lúcia, Vitória-ES. Uma comissão formada pela entidade avaliará os projetos. A agenda de exposição de 2017 ainda está aberta.



LINGUAGEM ELETRÔNICA EM EXPOSIÇÃO

Nos primeiros 20 dias da exposição “FILE Vitória 2017: Toque Aqui”, que fica no Sesi Arte Galeria até o dia 11 de junho, mais de 8 mil pessoas passaram pelo espaço. O FILE – Festival Internacional de Linguagem Eletrônica, adaptado, no Estado, para “FILE Vitória 2017: Toque Aqui”, permite a interatividade do público com as obras.

“A população em geral tem dificuldade de acesso a esse tipo de espaço, mas gosta

de cultura. Aqui, o acesso é gratuito e os primeiros resultados são bem animadores”, ressaltou o superintendente do Sesi, Luis Carlos Vieira. O Sesi Arte Galeria, durante as exposições, ficará aberto de terça a domingo, das 10h às 20h, inclusive nos feriados.

A exposição conta com oito instalações interativas, além de quatro games e 20 animações. Todo esse trabalho foi desenvolvido por artistas de 15 países – Brasil,

Alemanha, Argentina, Austrália, Canadá, Dinamarca, Eslováquia, Espanha, Estados Unidos, França, Inglaterra, México, Portugal, Sérvia e Suécia.

A ideia fundamental é criar uma relação de ferramentas tecnológicas de ponta com mensagens poéticas, segundo a curadoria do evento. “É a tecnologia servindo como ferramenta para uma expressão artística, sempre procurando explorar e transpor as fronteiras que existem entre arte e tecnologia.”

Entre os destaques da exposição estão obras de realidade virtual com uso de óculos 3D, como a “The Night Café”, de Mac Cauley. Ela permite que os visitantes explorem o mundo das pinturas e das cores de Van Gogh, ingressando numa casa virtual em que todos os objetos foram feitos com os traços característicos do pintor e onde estão reunidos alguns motivos registrados em suas obras, inclusive o próprio artista. Outra das obras mais impressionantes é “Swing”, de Christian Marczinik e Thi Binh Minh Nguyen. Ela dá ao visitante a sensação de voar. Dois bons, mais distantes de serem os únicos, motivos para não perder essa exposição, tão adequada aos dias da pós-modernidade eletrônica. ■

File

É considerado o mais importante evento de arte eletrônica da América Latina. Por 18 anos, promove exposições, oficinas e encontros com o objetivo de debater a relação entre arte e tecnologia. Além da mostra organizada anualmente em São Paulo, que atrai dezenas de milhares de visitantes, realiza exposições no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, São Luís e, a partir de agora, em Vitória.



FILE Vitória 2017: Toque Aqui

Av. Nossa Senhora da Penha, 2.053
Edifício Findes - térreo - Santa Lúcia
Vitória (ES)

Visitação: até 11 de junho, de terça-feira a domingo, das 10h às 20h. Entrada gratuita.

A REVOLUÇÃO DO FOGO

A famosa naturista capixaba Luz del Fuego, um dos ícones do movimento feminista brasileiro, completaria cem anos em fevereiro último

A cachoeirense Dora, da tradicionalíssima família Vivacqua, de intelectuais e políticos, assombrou o Brasil na metade do Século XX. Considerada uma das primeiras feministas brasileiras, por volta dos anos de 1940 rompeu com os padrões esperados para as mulheres do seu tempo, deixou a família para trás, passou a fazer shows de dança no circo e no teatro e, pouco tempo depois, fundou a primeira comunidade naturista do Brasil e da América Latina. Tudo isso em uma vida breve: foi assassinada aos 50 anos.

Para comemorar o centenário da revolucionária Luz del Fuego, nome de autobatismo que Dora escolheu inspirada na famosa marca de batom portenha, o Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (Apees), em parceria com a produtora Interferência Filmes, realizou a exposição “Cem Anos Luz”. Com fotografias, exibição de documentário e mesa redonda tentou desvendar o espírito e a importância dessa capixaba de Cachoeiro de Itapemirim, que ainda cedo mudou para Minas Gerais e, famosa, morou no Rio de Janeiro até a sua morte. A mostra foi encerrada no último dia 17 de maio.

Luz del Fuego, nascida em 21 de fevereiro de 1917, já na década de 1940 antecipava-se à discussão dominante do movimento feminista por direitos iguais ao dos homens e contra a discriminação que as mulheres sofriam naquele tempo – e que sofrem até hoje –, no seu livro “A Verdade Nua”, publicado em 1948. “Num mundo que está progredindo dia a dia, os preconceitos continuam amarrados a um poste.” A publicação lançou as bases de suas ideias sobre o naturismo e deu norte para sua pretensão de fundar o Partido Naturalista Brasileiro, cujo slogan era “Menos roupa e mais pão. Nosso lema é ação”.



A perseguição ao comportamento e aos ideais de Luz del Fuego foi constante durante toda a sua vida. Reprimida pela família e pela sociedade, foi acusada diversas vezes de atentado ao pudor



O partido jamais sairia do papel, como também sua intenção de candidatar-se à deputada federal, sabotada pelo conservadorismo da época. A perseguição ao comportamento e aos ideais de Luz del Fuego foi constante durante toda a sua vida. Reprimida pela família e pela sociedade, foi acusada diversas vezes de atentado ao pudor, internada em hospícios, presa, submetida a interrogatórios em delegacias de costumes e suas publicações sofreram perseguições, censuras e até a documentação para o registro da agremiação partidária sumiu misteriosamente. Mas a feminista empoderada, para utilizar uma expressão bem atual, nunca se intimidou.

A capixaba só “foi vencida”, em 19 de julho de 1967, assassinada a pauladas, junto com o seu caseiro, na Ilha do Sol, recanto do turismo brasileiro, onde a dançarina, vedete, escritora e naturista morava, por dois pescadores que ela havia denunciado à polícia. O local, na Baía de Guanabara, tinha registro na Federação Internacional Naturalista da Alemanha e alcançou, em sua fase áurea, a marca de 240 sócios pagantes.

Entre os associados estavam figurões da época, como governadores, ministros, militares importantes, milionários, estrelas do cinema e turistas de todo o mundo. Para permanecer na Ilha do Sol, todos tinham de respeitar regras rigorosas impostas por Dora, como estar completamente nu, não ingerir álcool e não fazer sexo na ilha.

O trabalho artístico de Dora, considerado pornográfico para a época, ficou marcado pelos seus shows de dança, em circos e teatros, nos quais ela se apresentava seminua com uma das suas grandes paixões: as serpentes.

CEM ANOS LUZ

O cineasta e curador da mostra, Ricardo Sá, diretor do filme “Tia Dora” e “Divina Luz”, apresentados durante a exposição “Cem Anos Luz”, no Apees, explicou que a seleção das imagens fotográficas para o evento foram feitas a partir de pesquisa nos Arquivos Públicos de São Paulo, do Rio de Janeiro e do Espírito Santo, no Arquivo Nacional, na Biblioteca Nacional e na Cinemateca Brasileira.

“Fiz essa busca motivado pelo interesse na personalidade de Luz del Fuego e em promover a memória desta mulher que fez história” afirma Ricardo. O “Tia Dora” – um desdobramento do documentário “Divina Luz” – foi contemplado pelo edital da Secretaria de Estado da Cultura (Secult) de 2015. Na obra, além de trechos do documentário “A Nativa Solitária”, de 1954, recuperado pelo Apees, o cineasta utilizou depoimentos de sobrinhos de Luz del Fuego.

Para discutir o tema “A contribuição de Luz del Fuego para o naturalismo e o feminismo no Brasil”, uma mesa redonda foi realizada na abertura da Exposição “Cem Anos Luz”, com a participação do

próprio Ricardo Sá, da sobrinha de Dora Vivacqua, Ana Rita Novaes, da educadora popular Edna Calabrez Martins e do conselheiro consultor da Federação Brasileira de Naturismo, Evandro Telles.

Biografia

Para tentar entender a personalidade de Luz del Fuego e os efeitos que provocou na sociedade conservadora da metade do Século XX, as biógrafas Cristina Agostinho, Branca de Paula e Maria do Carmo Brandão, no livro “Luz del Fuego: A Bailarina do Povo”, destacam que a multiartista descobriu no escândalo o caminho mais curto para a fama.

“A primeira metade dos anos cinquenta foram os anos de Luz del Fuego. Todos conheciam a vedete que enlouquecia o Brasil (...) e ocupava frequentemente as manchetes de jornais e revistas. Fosse nas seções de espetáculos, fosse nas páginas policiais, seu nome sempre estava lá. A exótica Luz del Fuego era garantia certa de bilheteria. Principalmente nos sábados à tarde, quando a plateia era composta, em sua maioria, de fuzileiros navais, estivadores, guardas-civis e pequenos funcionários (...). Suas apresentações levavam as galerias ao delírio”, destaca a biografia.

ORGULHO DA TIA DORA

Ser parente de Luz del Fuego nem sempre foi fácil. A identificação de parentesco com a vedete até na lista de chamada muitas vezes era suficiente para que um dos seus parentes trocasse de escola. O carinho e orgulho como os sobrinhos a tratam hoje e que deram origem ao documentário “Tia Dora”, dirigido por Ricardo Sá, nem de perto era compartilhado pela família nos tempos em que ela fazia sucesso e/ou escandalizava o país.

“Eu já a conheci grande. Aqui em casa não se podia falar em Dora. Era proibido. Era uma coisa de época, claro. A família não aceitava as ideias dela”, relata a sobrinha Wanilda de Campos Menezes, no documentário “Tia Dora”. A repercussão do trabalho, da posição política e da ação como naturista e ambientalista de Dora causavam especial embaraço ao irmão e senador Atílio Vivacqua.

Sobrinho dos dois e filho do ex-governador do Espírito Santo Aristides Campos, o arquiteto Henrique Vivacqua Campos, de 78 anos, conta que os parentes de hoje têm muito orgulho da importância que a tia teve e tem para o feminismo brasileiro.

“Ela foi precursora do feminismo, do ambientalismo e do naturismo. Teve posição de vanguarda na época dela. A importância dela pode ser vista agora. Nenhuma outra vedete mereceu qualquer homenagem pelos cem anos do seu nascimento. O movimento político dela foi realçado pela sua postura e isso mudou o sentimento de constrangimento de uma época, da família, para o orgulho, de hoje”, conta Campos. Ele lembra, por exemplo, que o assassinato de Dora ocorreu exatamente por sua ação como ambientalista, por denunciar a pesca predatória na Baía de Guanabara, onde ficava sua Ilha do Sol – ela foi morta por dois pescadores.

O arquiteto teve pouco convívio com a tia, a quem ele visitava quando sua avó, Etelvina, ia ao Rio de Janeiro. “Eu acompanhava minha avó até a casa dela, na avenida Niemeyer”, onde Luz levava uma vida normal, vestida como todo mundo. “A nudez era coisa para a Ilha do Sol e para os seus espetáculos.”

Mas foi o suficiente, para que o sobrinho, com o tempo, se orgulhasse da postura da tia. “Ela sempre foi diferente. Não se ajustava a nenhum padrão. Abandonou a família e tudo para ser ela mesma, para ser o que ela acreditava. Tia Dora era diferenciada em relação a outras vedetes. Peitou Getúlio durante a Ditadura Vargas, tentando criar o Partido Naturalista Brasileiro.”

A vida de vanguarda da vedete naturista foi além das posições políticas. Dora arriscou-se em aventuras pouco ortodoxas para as mulheres nos anos de 1940 e 1950, tirou brevê para pilotar aviões e saltou de paraquedas.

A prima de Dora, Maria Augusta Prado define o espírito de Luz del Fuego, também no documentário de Ricardo Sá. “Ela achava que o nudismo ia tirar toda a maldade, toda a ganância e todos seriam iguais. Não havia erotismo na ideia dela, havia igualdade.”





CURIOSIDADES SOBRE DEL FUEGO

- ▶ Era formada em Ciências e Letras.
- ▶ Foi a pioneira na implantação do naturismo no Brasil.
- ▶ Na casa da sua família, em Belo Horizonte, eram realizadas reuniões literárias, com a presença de figuras importantes das artes brasileiras, como os escritores Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava.
- ▶ Além dos documentários “Tia Dora” e “A Divina Luz”, ambos de Ricardo Sá, sua vida foi retratada no documentário “A Nativa Solitária”, de 1954, e no filme “Luz del Fuego”, de 1982, com Lucélia Santos como protagonista.
- ▶ Sua paixão por serpentes se desenvolveu em Belo Horizonte, ainda criança, depois que visitou o Serpentário da Fundação Ezequiel Dias.
- ▶ Antes de escrever “A Verdade Nua”, lançou, em 1942, o livro “Trágico Black-Out”, um romance que fala de momentos da sua vida, que vão do abuso sexual que disse sofrer de um cunhado, a suas passagens por manicômios e alusões à prostituição.
- ▶ O documentário “A Nativa Solitária”, de 1954, no qual homens e mulheres dançam e brincam nus na Ilha do Sol, passou a fazer parte do acervo do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, depois de ser restaurado pela entidade.
- ▶ Fez sucesso como vedete no tempo das famosas Mara Rúbia, Virgínia Lane, Dercy Gonçalves e Elvira Pagã.
- ▶ Foi capa da revista Life, nos Estados Unidos.
- ▶ A partir da segunda metade dos anos de 1950, a Ilha do Sol passou a ser uma das grandes atrações do Rio de Janeiro. Estrelas do cinema americano conheceram a ilha, como Errol Flynn, Lana Turner, Ava Gardner, Tyrone Powel, César Romero, Glenn Ford, Brigitte Bardot e Steve MacQueen.
- ▶ A partir dos anos de 1960, passou a viver na Ilha do Sol.
- ▶ Em 19 de Julho de 1967, os irmãos Alfredo Teixeira Dias e Mozart “Gaguinho” Dias armaram uma emboscada para ela. As ações criminosas de Mozart haviam sido apontadas à polícia por ela e ele queria se vingar.
- ▶ O Dia do Naturismo é comemorado em 21 de fevereiro, data do seu nascimento. ■

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Luz_del_Fuego
 Livro Luz del Fuego - A Bailarina do Povo, de Cristina Agostinho

SOMBRA PROJETADA

Renan Andrade*



balhos que revelassem o domínio pleno de sua poética.

Natural de Colatina, Dionísio foi o principal modernista capixaba e um dos mais originais artistas, cuja obra dialoga intimamente com a produção concreta e neoconcreta brasileira, merecendo ainda maior difusão local e nacional. Pintor, desenhista, gravador e serígrafo, Dionísio se dedicou à arte abstrata desde a metade dos anos 1960, realizando, principalmente, obras em serigrafia,

que compreendem o principal recorte dessa exposição.

A sua produção gráfica está entre as mais aclamadas pela crítica, merecendo destaque particular dado o seu refinamento técnico, além da sua experimentação no desenvolvimento de uma prática própria, tendo realizado impressões para artistas como Rubens Gerchman e Cildo Meirelles. Denominada matriz espontânea, sua técnica proporcionou às impressões maior liberdade, rompendo com o caráter reprodutível da serigrafia e tornando cada resultado em obras únicas. Em um contexto brasileiro de crescimento dos centros urbanos e mecanização de processos gráficos, a reprodutibilidade e incorporação da serigrafia às técnicas artísticas proporcionou maior acesso ao objeto de arte.

“Dionísio concedeu, em suas pesquisas, um sentido criativo e lírico à repetição fria e monótona das impressões, elevando a serigrafia a uma posição de arte autônoma”

Dionísio concedeu, em suas pesquisas, um sentido criativo e lírico à repetição fria e monótona das impressões, ele-

De 31 de maio a 3 de setembro de 2017 o Museu de Arte do Espírito Santo (Maes), em parceria com o Centro Cultural Sesc Glória, oferece ao público um novo olhar sobre a obra do artista Dionísio Del Santo, integrante do acervo do Maes e Patrimônio Cultural do Estado. A exposição é gratuita e integra a programação de artes visuais do Sesc Glória.

A exposição Dionísio Del Santo | Sombra Projetada é uma oportunidade de o público explorar as fases mais recentes do universo poético desse artista, além de resgatar e difundir a sua individualidade no âmbito da história da arte brasileira, em meio a sua produção quase solitária em mais de 50 anos de trabalho. Para Dionísio, o artista deveria se resguardar, apresentando em exposições apenas tra-





vando a serigrafia a uma posição de arte autônoma, como se refere o crítico Frederico Moraes, no catálogo da exposição Dionísio Del Santo: Serigrafias, na Fundação Cultural do Distrito Federal, em 1975.

A coleção pertencente ao Maes abrange quase a totalidade da obra do artista, que se situa entre a figuração e a geometria. As 83 obras da coleção apresentam desde as suas xilogravuras de tendência expressionista, quando explorava os temas de uma natureza cruel, com aves e cenas de abate – referência a sua infância no interior do Estado –, até a sua consolidação na abstração, seguindo nas próximas décadas para a arte ótica e para desenvolvimento de uma pesquisa própria no campo da serigrafia.

Produzindo as primeiras composições de tendência geométrica por volta de 1957, se interessou pelas bases teóricas do concretismo, mas executou pinturas geométricas sem romper definitivamente com a figuração, mencionando ser sua



obra menos radical que a dos integrantes do neoconcretismo.

Além do Maes, que recebe o nome do artista em sua homenagem por ter realizado a exposição de inauguração do museu, em 1998, a obra de Dionísio faz parte de acervos de importantes instituições no país, como do Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Museu de Arte Moderna de São Paulo, Museu de Arte Moderna do Rio, Museu de Arte da



Pampulha, da Universidade Federal do Espírito Santo e de coleções particulares de São Paulo, Rio de Janeiro e Vitória.

Ao contextualizar a obra do artista capixaba para o catálogo da exposição Dionísio Del Santo | Sombra projetada, a curadoria propõe o diálogo com a produção abstrata de Dionísio por meio de entrevistas com artistas atuais que, de algum modo, se aproximam da pesquisa geométrica e linear de Del Santo, ecoando em processos criativos tão diversos quanto as suas origens e as localidades em que atuam, como Colômbia, Maranhão, Pará, São Paulo, Rio de Janeiro, dentre outros lugares.

Com um programa educativo que acompanha todas as etapas da exposição, a mostra apresenta um recorte inédito no Estado e atenta para a valorização da originalidade de um artista ainda marginalizado na história da arte brasileira, e um dos mais importantes artistas gráficos do país.

**Renan Andrade é Diretor do Museu de Arte do Espírito Santo "Dionísio Del Santo"*

